

Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha de Pesquisa: Currículo, profissionalização e Trabalho Docente
Raquel Andrade Ferreira

Dilaceração

Uma poética do aprender em arte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Santos Vieira

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Paola Zordan

Pelotas
Inverno chuvoso, 2008





Pus Atravessamentos pus nesta escrita pus Leonilson pus Hélio Oiticica pus
Joseph Beuys pus Barrio Pus Bispo do Rosário pus Louise Bourgeois pus Henry
Miller pus Parágrafo pus Trópico de Capricórnio pus Artaud pus Artistar pus
Corazza pus Palavras pus Paola pus Jarbas pus Dionísio pus Nietzsche pus Deleuze
pus Guattari pus Rolnik pus Dilacerado pus Caio Fernando Abreu pus Carol pus
Adriane pus Terra pus Bordados pus Tragédia pus Ariana pus Lamento transcrito
pus Zordan pus Machado pus Martelo pus Roberto pus Lins pus Barbosa pus Daniel
pus linhas pus Vida pus Arte pus Escrita pus Deriva pus Guy Debord pus
Pensamentos pus * pus Diálogos pus Deleuze & Parnet pus Filosofia pus O que é
pus Nascimento pus Tragédia pus Bailarinos pus Alice pus pele pus do Outro Lado
pus Espelho pus Mil Platôs pus Lógica dos Sentidos pus dif pus Seminário pus Ano
Rosto pus Desejo pus Criações e Sentido Trágico pus dif pus Carolina pus Votto
Zero pus Rosto de Giz pus Carne pus Bólide pus Parangolés pus Capela pus Fluidos
pus Lebre Morta pus Corpo pus Paixão pus Dilaceração pus Labirinto pus Cidades pus
pus Deserto pus Puerto pus Manto pus Capas pus Capela pus Cidades pus
Verdades pus Ruas pus Coração pus Mundo pus Gigante pus Flores pus Nuvens pus
Sonhos pus Água pus Divididas pus Inominável pus Boca pus Insônia pus Entrega
pus Tesão pus Rios pus Diferença pus Sangue pus Marques pus Rogério pus
Cuidado pus Amorosidade pus Aventura pus Excesso pus Educação pus Dor pus
Silêncio pus Cheio pus Vazio pus Língua pus Ferida pus Corte pus Paisagem pus
Caos pus Cartografia pus Oswald de Andrade pus Antropofagia pus Dança pus
Pirata pus Música pus Ouvido pus Oceano pus Cor pus Pinturas pus Afecção pus
Percepção pus Spinoza pus Capitalismo pus Esquizofrenia pus Gilles pus Criança
pus Feita nas orelhas pus Retorno pus Encontro pus Roubo pus Profano pus
Desenhos pus 250 km ao Sul pus Outras Obras Minhas pus Tudo isso para compor
esta produção litero-artística

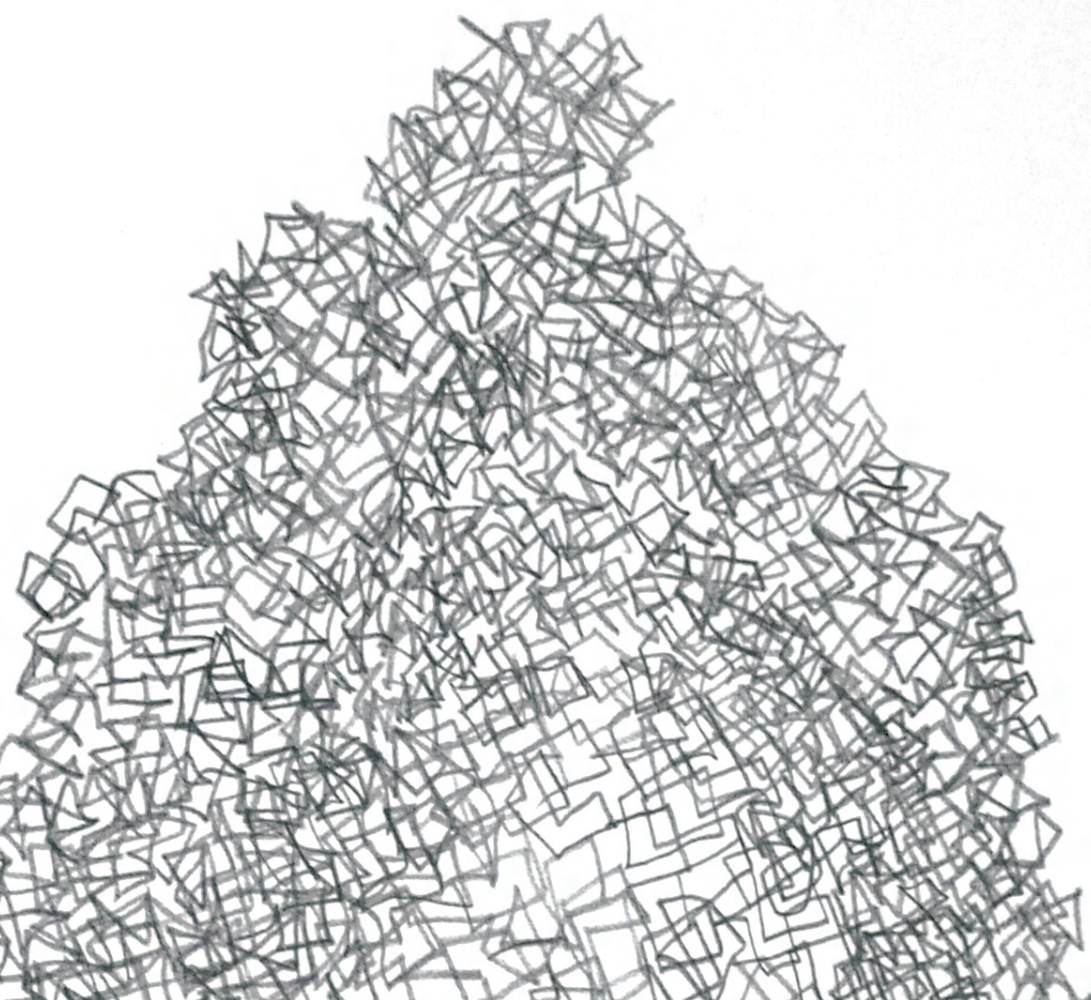
*“No início, meu trabalho era o medo da queda. Em seguida, tornou-se a arte da queda.
Como cair, sem se machucar. Depois a arte de estar aqui, neste lugar.”* Louise Bourgeois

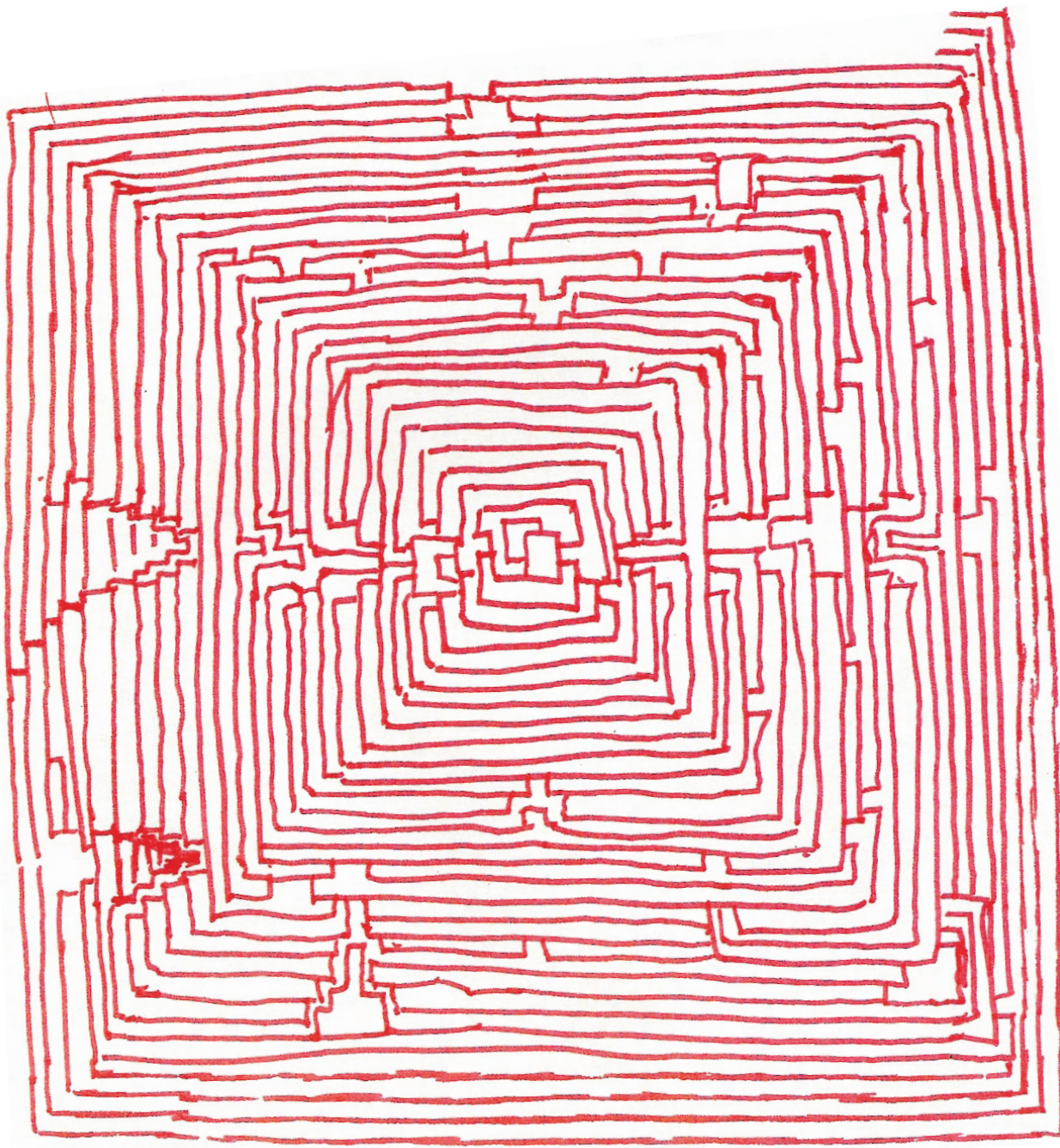


P O R Ç Ã O P A R



N V I N I Q W P J L Q X D Q L U C I A N E p U J O L Q
K F E R N A N D I N H O K J B B J B K V J V Y U H K M
W V A K E É I W E J X I W V D V K H X W Y S V J Q P X
P T M A E R P V U A Ç P N S R O B E R T O Y H U N H P
Z K O T S Z A A K Ç Y V S K I B Q M B S F B M N Y C A
E X R A P N G N S B H M B W C I K C A R L A R M J X M
L S T L A K R E S X A E J S A V I B J Q A W J P H M Q
K I P V C L A S R K H U A I E S Q V Q A U B M B M D A
O E W A X U D S T X K S M X P M A C W I E A P A K P O
X F I L H A E F R P H A V H M P W I N C R L W Y J A J
H W A E R E C A A Y X M N X W N J C B S W V J D M O B
Ç P X N A F I B C C R I S N X M X S Q J D A N I E L E
A W I T Ç W M I W K M G K H Q N Q A N B J R E H S A I
P M C I X B E O O Y J O A M X J S J S I L O V B S S W
R B P N Y U N T K W K S X C H M T H I A U N A I E K V
O C Y A U A T A J Ç H J W M D S O O D P Q E V H R Q Ç
F F R C B X O I S Y F V Y J M X A I Q I V N X I E R B
E Y B W S K S Q D H W Ç M A Q K J S S K L E Ç S P Y S
S A N D R A O Ç X S H K V R D P K I K Q S I H F A I J
S G D I O Ç W P A H Y V Y B V R O N A L D O F P I Q X
O T W B L T P C J K A M K A Q H D O B I F K X V C N A
R O J X G E N T R E G A E S P E C I A L X X D Y U H Y
E L L U W B T W B S S J V K Q S A D K I H A V X L V L
S X M A Y T P O H K X M P H P K J Q B H T R I L H O S
P R N O K L I L B A V K S K S B H A X Q G P S P U K V
P D Q K M A R I A H E L E N A P X W I B V X C W S W Q
G S U Q Y H O H B Y H J B H V V B H X Q T V Y Q B J V
E L D A T U U H X B D X H A C O L E G A S P P G E H A
Q E A I Ç R C N H V Y H M Y V B N E I V A B O H N S B





Louise Bourgeois. The Insomnia Drawings, February/ March, 1995

Pus um caça - palavras para você se achar no seu afecto



r e s t o

C U I D A D O



t e m p o

e_s

p

q

ζ_o



A arte e a fúria (ou como artistar com o martelo)

A arte transvalora

Sem universais

Da contemplação
Da reflexão

arte transvalora

sem modelos

Sem

platões

No olho do furacão

Arte

contemporânea

A arte transvalora

Sem tartarugas – repertórios - restritos

Das bancas de jornal

Do compre um leve dois

c ó p i a
c ó p i a

c ó p i a
c ó p i a

m o d e l o

m o d e l o

m o d e l o

m o d e l o



A arte transvalora
Produção de sentido
Mundos possíveis
Cidades imaginadas
Ou nem isso
Engendrando devires
Ação
Cortando na matéria caótica
Abrindo fissuras
Partículas selvagens
Pensamentos
Criação
Ser em si de sensação
Só

A arte transvalora

Multidão

Estética

No “entre”

No movimento

Na espreita

Nos encontros

Sem intenção

Na violência-artista-participante

Na violência-encontro-vida

n e s s e e s t a d o

imprevisto

imprevisível

intempestivo

e s t É t i c o

A arte transvalora

Região do prazer

Dos olhos

Do intelecto

Do corpo

Movimento do desejo

Cartografia das arquiteturas afectivas

Sem lições

Sem ensino

Sem lebres mortas

Semlições

Semensinos

Semlebresmortas

Semcópia

Semplatões

Sembancasderevista

arte transvalora
Simulacros

Arte contemporânea

Abertura

Intempestividade

Vida

Essa de agora
Agora mesmo

À espreita

Sem inimigos
Sem desejo de provar nada

só

Arte contemporânea



Borderescrever

Aqui autor - artista - personagem é um corpo sem órgãos, sem nome, sem imagem, apenas um *.

Escrever, escrever, escrever... Escritura-corpo no encontro
entre o pensamento e a palavra.
Pulsar numa escrita-corpo-criação dos encontros que na
vida vão surgindo.
Deixar-se afectar pelos movimentos de uma escrita que
no atravessamento do sensível borde as intensidades de
poesia.
Buscar..., buscAR... Fazer tremer toda vontade carregar
de um possível, soltar, saltar, voar, sair fora. Fora! Vai!
Dobrar desse olhar que pede e não dá! Esquecer, o
tempo... Já foi... Só essa vontade louca, destemida que
enxuga a terra no corpo da era. Sem limite, se é que
existe, se o corpo ainda é tudo. Superfície arranhada,
fluida, cortada. Adesivar, tender, prender, colar. Fazer o
corpo feder e temer no não ter do ser. Essa palavra que
vem e faz vibrar tem cheiro, quase maldita, pula, dança e
encanta. E quer mais, muito mais... Desejo de mais e
mais... Pra que parar? Não, não, não!!! NÃO DÁ! FAZ O
CORPO TREMER E NA TERRA ROÇAR. Roça a língua no
fluxo suave que enxágua e faz escorrer a saliva do corpo
querer. SACODE, ROÇA, ROÇA, ROÇA no MUNDO e toca.
TÁ FORA, BORDA E REBORDA NA BORDA... GRITA... E SE
JOGA... FAZ TREMER E UM DESEJO ARRANCAR NO
SUSSURRO DO ROÇAR o CORPO TOMAR. E já, lá! AR, AR,



Erupções vulcânicas na superfície
do corpo que teme abismos do
dentro querendo fazer corpo no
fora. Encontro da arte vida do
corpo da escrita passada na língua
lamina delicada e cruel palavra
corrompida nesse encontro vida.
Sem desejo de fazer par com a vida,
desejo de ser a própria vida, vivida,
existida na esquina da cidade que
finda, ferida... Um ponto e a vida
acontecida, naquela esquina da
dobra que segue ferida, irrompida
na pele da palavra escrita, lambida,
no chão da esquina-vida em
superfícies e cataclismas querendo
ser extraída, arrancada da mesma
ferida, despida.

Não é vontade de verdade e sim vontade de criar que impulsiona e potencializa o pensamento na dança da palavra. Pensamentos bailarinos que fazem rodopiar nas curvas dilacerantes do corpo.

E nos fluxos prolongados vão tramando com a ponta dos dedos um encontro. A espera adormecida que faz trançar essa música em volta da urdidura da palavra que teima em sair aos gritos, espancando às eternas, rugosas, figuras de rostos há muito conhecidos e há pouco indesejados.

O desejo faz surgir, produzir estados de embriaguez no noturno vai e vem dos dedos como que a acariciar regiões sensíveis do toque delicado desse encontro absurdo entre a tecla e o olhar transfigurado do espelho que, na espera, produz fissuras, rachaduras se deixando romper.

E esse corpo, já rachado, despedaçado, dilacerado, não dá mais conta e estranhos devires emergem das mais contidas sensações.

Um encontro, dupla afecção do instrumento com a superfície pronto a explodir num gozo, no prazer da palavra surgida, destemida.

Incha de desejo essa superfície que se
transforma num imenso e vertiginoso
riolagoceno,
a deriva do próprio pensamento que
teimosamente
urra, berra e não deixa dormir...
Segue batendo, bate, bate até ensurdecer.
Eno salto, às vezes, repete-se a forma.
Mas a vida...
Ah... Essa... Traz as linhas e as possibilidades
do saltar.
Tal qual um malabarista segue-se por entre esses
estados equilibrando-se, saltitando.
Acrobacias do pensar...

E pelos devires da arte...

Provar da embriaguez dionisiaca nos possíveis de uma educação ética e estética. Transfigurar os olhos domesticados que já não produzem mais estranheza, embaralhar os signos codificados dos muros de uma cultura que se impõe pela escolha forçada e que se dissemina no reduto dos binarismos.

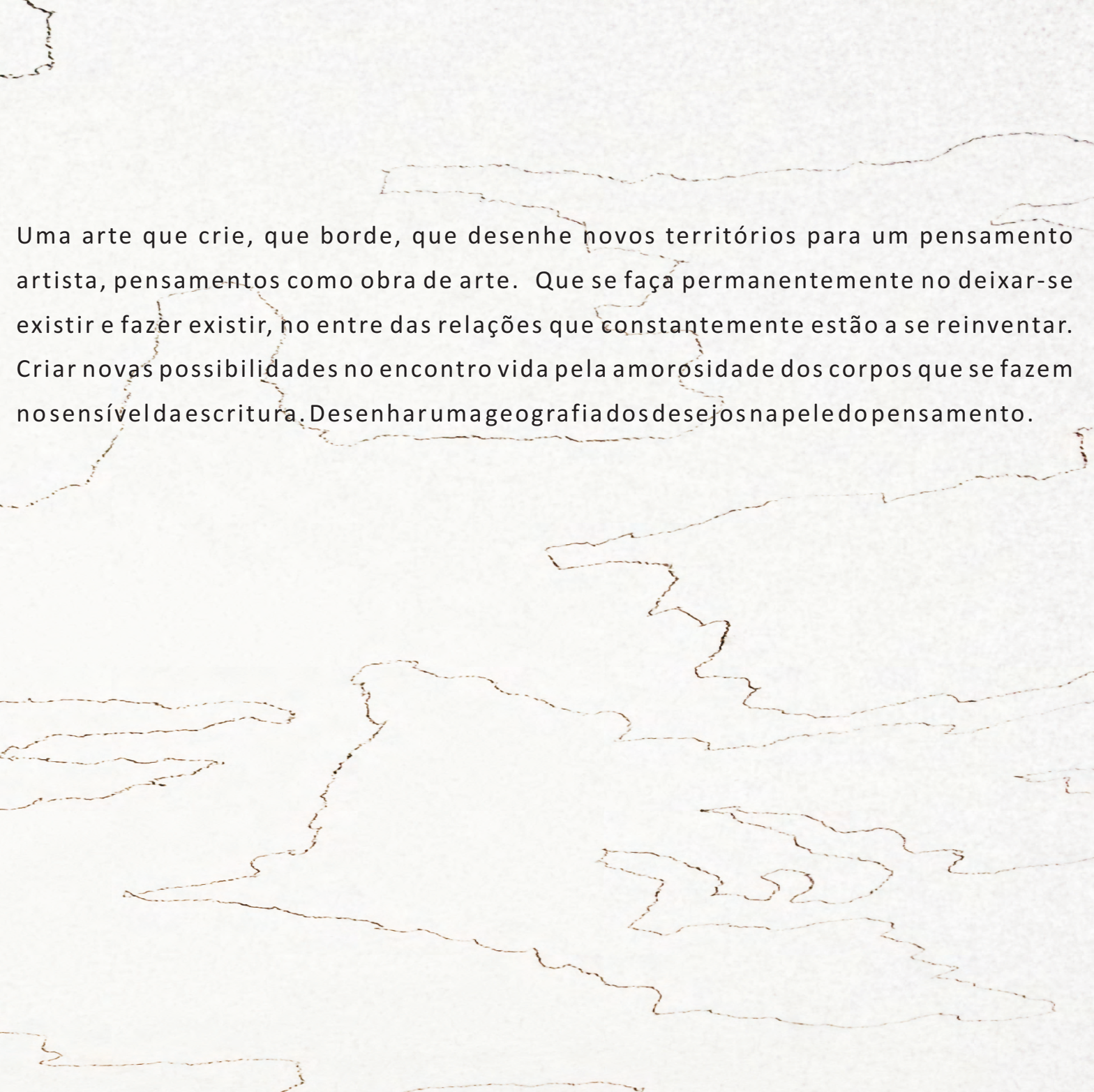
Abandonar Teseus. Entregar-se ao monstro. Brindar a vida. Perder-se no prazer dos fluxos do corpo em pensamentos palavras. Movimentos que dispensem narrativas e no ímpeto das possibilidades dar vazão aos desejos.

Para assim, envolver-se no pensamento que dança dessa embriaguez noturna, experimentar vôos no abismo e desenhar cartografias para transformar em arte, pensamentos.

Desenhar... Traçar linhas, deixar correr fios, linhas que perpassem as existências possíveis e que nos joguem no infinito labirinto.

Uma escrita na potência criadora, máquina venusiana que se espraia pelo meio impulsionada pelos movimentos do desejo.

Lançar mão de uma linguagem que não mais se aparte da criação e que não mais nos dissocie dos afectos do corpo.

The background of the page is a light cream color, overlaid with a complex, abstract drawing in a brownish-gold ink. The drawing consists of numerous irregular, wavy, and jagged lines that meander across the page, creating a sense of organic movement and depth. These lines vary in thickness and density, with some areas appearing more heavily drawn than others. The overall effect is reminiscent of a topographical map or a series of gestural sketches. The text is printed in a clean, black, sans-serif font, centered horizontally and positioned in the upper half of the page, partially overlapping the drawn lines.

Uma arte que crie, que borde, que desenhe novos territórios para um pensamento artista, pensamentos como obra de arte. Que se faça permanentemente no deixar-se existir e fazer existir, no entre das relações que constantemente estão a se reinventar. Criar novas possibilidades no encontro vida pela amorosidade dos corpos que se fazem nosensíveldaescritura.Desenharumageografiadosdesejosnapeledopensamento.

Deixar aproximar-se o monstro - todos os artistas - essa criatura que chega e nos mobiliza, permitir-se viver os estados de afecção dos encontros inesperados que vão surgindo, para com isso, apaixonar-se. Uma, duas, três, quantas vezes for possível, mas nunca deixar de. Nesse estado ético, criar, inventar. Viver os movimentos intensos desse embate do corpo com a vida e das misturas que daí vão surgindo para dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Experimentar a força dionisiaca da criação, esse desmembramento que dilacera o corpo e potencializa a aprendizagem.

A força abissal que diante da dor da existência faz com que se afirme a vida para todo o momento dizer sim a ela? Sim! E mais uma vez sim... Lançar-se num vôo e aprender. Tornar-se, permanentemente tornar a tornar-se. E tornar-se o que se é, implica sempre devir.

Viver o dia-a-dia como uma experiência estética atravessada por estranhos, mas especiais devires, um devir-louco, devir-mulher, devir-lagartixa, devir-cachorro, devir-animal, devir-orquídea. Esse devir-vespa... E sempre entrarem devir.

E pela intempestividade, pelo imprevisto, tornar-se imperceptível como Alice que ao deslizar nos instantes do vir a ser, compõe-se com outros corpos expandindo-se simultaneamente para todos os lados, e, ali, nos múltiplos lugares de um mesmo lugar, produzira acontecimentos, aprender uma arte, na superfície do corpo da escrita que se faz.

Mas quem é esse ser, essa força afirmativa que a tudo supera?
Um deus verdugo, Dionísio, Zagreu, duas vezes nascido, salvo
pelo coração.

Um deus esquecido, quase desconhecido.
Um deus estrangeiro que nos põe a dançar com seus ditirambos
e seu cortejo de mulheres loucas.
Um deus esquartejado que habita lá onde a alma fenece, onde a
dor de uma decepção nos põe à deriva para assim retornar e
abandonar tudo o que a esse corpo não serve mais.

E, no encontro dessa força, experimentar.
Invadir lugares em que até então não se pensava ir, onde todos
os possíveis que nos constituem permanecem em aberto no
intempestivo e atemporal. Nesse tempo dionisiaco, afirmar
potencialmente a vida.
No reino anárquico desse deus colocar-se diante dos insondáveis
mistérios provocados pelos devires dionisiaco da arte.
Deixar-se ser surpreendido com beijos, com música, com arte
para viver nos estados da vontade, verdejantes e embriagados.

E nos atravessamentos, já não são mais apenas percepções, mas
estados de experimentação que transformam os pensamentos em
obras de arte, que criam linhas de sensação e que se mantêm
sozinhos, pois a obra de arte é um ser de sensação, e nada mais:
ela existe em si.



AH, E VOCE
MR. ONE NIGHT STAND
AT TOILETS ON AIRPLINES

DEEP EYES



JERUSALEM

THE BREAD



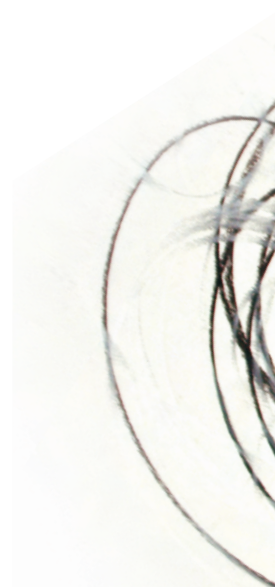
• SE VOCÊ SONHA COM NUVENS

A DISTÂNCIA ENTRE AS CIDADES



PARA QUEM COMPROU A VERDADE.





Leonilsonetudoisso

Criação dilacerante que pode com o caos. Dele extrai a própria vida. É um devir, é trágico também. Exalta-a mesma morte.

Traz em si a formação católica de uma família extremamente religiosa e com isso se apropria dessas experiências, desses signos rostificados e transforma-os em criação, em obras de arte. Atravessa esses valores cristãos, torna-se autor e não um simples espectador da sua existência e da sua doença.

Cria um novo, transvalora, supera essa moral através da arte. Vive intensamente a dor, sua tragédia, para transformar isso em potência e se reafirmar. Sobrevê o abismo de sua existência sem se dilacerar, na dilaceração da própria vida.

Transforma o horrível em sublime para dar voz aos seus desejos. E com isso, não escapada a cruz de Dionísio. Há em sua obra um convite ao excesso e a aventura, uma vez dentro, não se consegue sair do turbilhão de afectos provocados pela eterna ferida exposta, essa decepção inevitável com o outro e com Deus. A vertigem que todos supera.

Leonilson, esse matador de dragões, nos convida a entrar no fogomágico da arte.

Traça sua paisagem afectiva imprimindo no corpo da sua obra elementos capturados das combinações clandestinas. Aidético, maldito, gay, apaixonado, passional, sagrado, profano, nômade, geográfico. Personagens que dão sentido aos movimentos desejantes. Tem como princípio a vida e os afectos que dela vão surgindo. De forma antropofágica, transforma em matéria de expressão esses elementos, devora-os, para imprimir uma marca e compor uma obra.

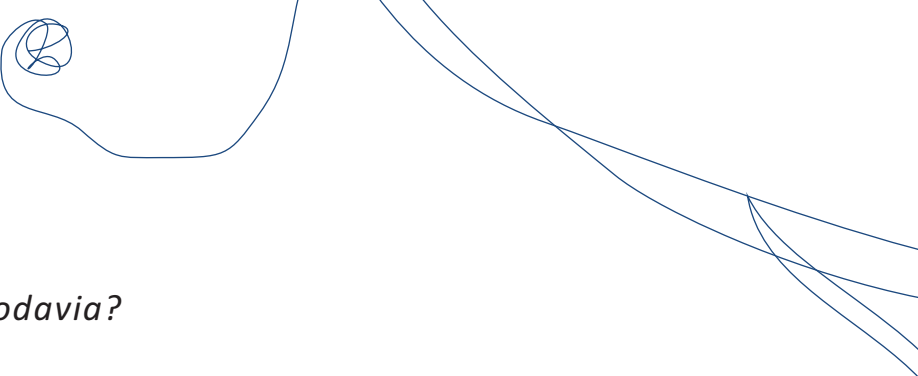
Dele, de todos... Apenas idéias, o encontro, o devir, o roubo e as núpcias. Esse entre - dois das solidões.

Como uma dupla-captura: um devir-* que entra num devir-Leonilson e vice-versa no fluxo das intensidades. Ali, onde tudo acontece, nesse não-lugar, ou melhor, nesse entre.

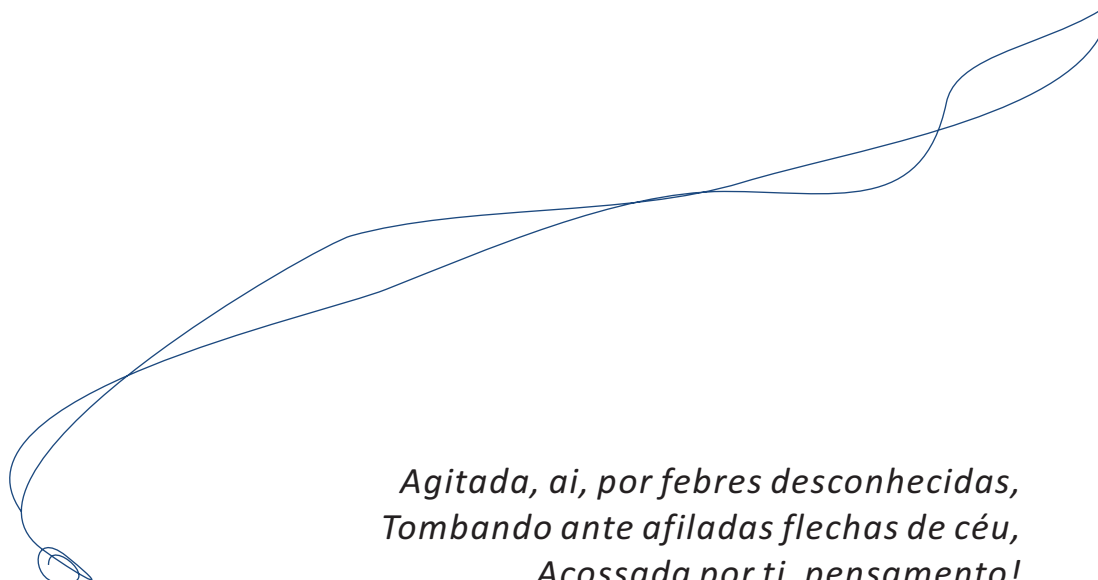
Ah, Leonilson! Atravessas esses muros todo tempo... O tempo todo... Sempre!

“Lamento de Ariana”





*Quem me da calor, quem me ama, todavia?
Dai-me mãos cálidas!
Dai-me um bálsamo para o coração!
Fendida, estremecida
Como um meio-morto a quem esquentam os pés*



*Agitada, ai, por febres desconhecidas,
Tombando ante afiladas flechas de céu,
Acossada por ti, pensamento!
Inominável! Oculto! Atroz!
Fundida por teu raio
Olho malicioso que mira na obscuridade.*

An abstract blue line drawing that spans the entire page. It features several loops and curves, with a prominent vertical line on the left side that has a small circular loop at the top. Another loop is visible on the right side, and a series of overlapping curves forms a shape resembling a wing or a tail on the right side of the page.

*Assim jazo,
Me encolho, me retorço, atormentada
Por teus martírios eternos,
Ferida por ti,
O mais cruel caçador
Deus desconhecido...
Lastima mais adentro!
Lastima de novo!
Fere, fere este coração!
Que é este martírio
De flechas afiadas como dentes?*

*Que olhas de novo
Sem te fatigar perante a dor humana
Com maliciosos olhos-de-raio-de-deus?
Matar não é o que desejas,
Só martirizar, martirizar.*

*Para que me martirizas,
Malicioso deus desconhecido?*

Aja!

Te acercas recitando

Em uma meia-noite como essa?

Que desejas?

Fala!

Me oprimes, me sufoca,

Ai, estás demasiado perto!

Me sentes respirar,

Escutas meu coração,

Ah, zeloso!

Mas zeloso de quê?

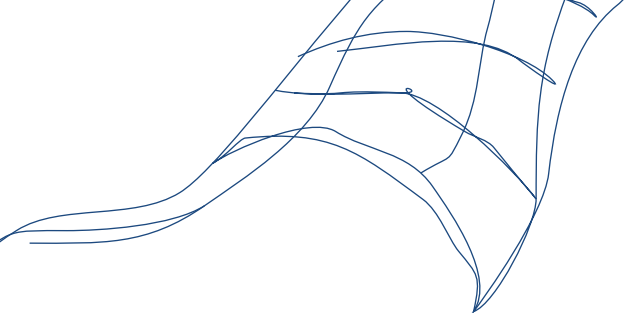
Fora! Fora!

Para que uma escada?

Queres entrar dentro do meu coração

E até os meus mais íntimos pensamentos

Ascender?



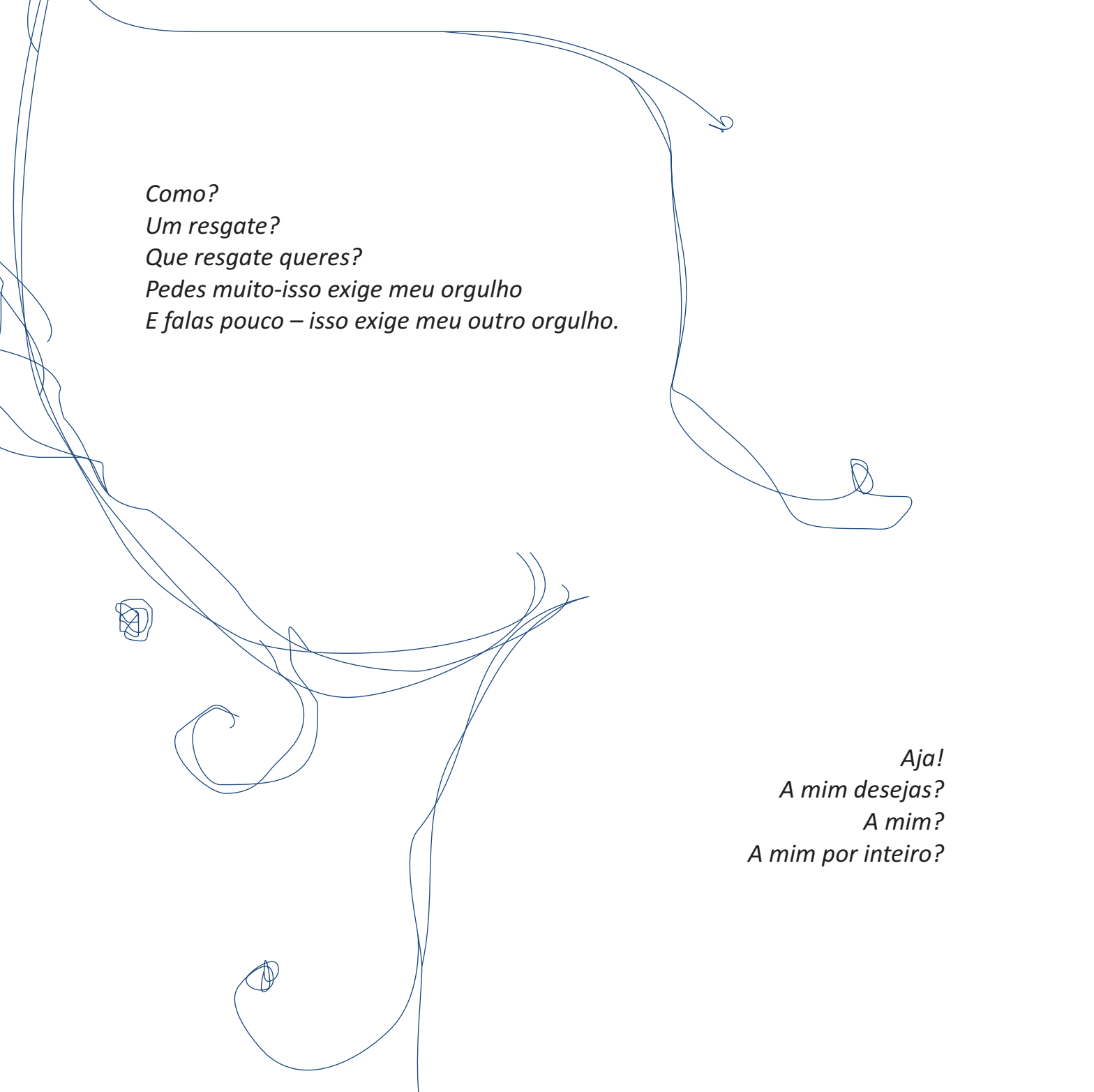
*Que queres roubar?
Que queres espiar?
Que queres torturar?*



*Torturador,
Deus-verdugo
Ou semelhante a um cão,
Hei de me arrastar diante de ti,
Entregue, fascinada, fora de mim
Pedindo-te amor?
Em vão!
Segue ferindo,
Cruel agulhão!*



*Não sou um cachorro - somente sou tua presa,
Cruelíssimo caçador!
Tua mais orgulhosa cativa
Ladrão atrás das nuvens...
Fala uma vez!
Ocultador do raio! Desconhecido, fala!
Que queres de mim – salteador de caminhos?*

A large, abstract, hand-drawn blue line drawing that forms a complex, swirling shape. It starts from the top left, curves around the top, then down the right side, and finally loops back towards the bottom left, creating a large, open, and somewhat irregular frame. There are several small, tight loops and swirls within the main structure, particularly on the left and bottom edges.

*Como?
Um resgate?
Que resgate queres?
Pedes muito-isso exige meu orgulho
E falas pouco – isso exige meu outro orgulho.*

*Aja!
A mim desejas?
A mim?
A mim por inteiro?*

Aja!

E me martirizas? Estás louco!

Martirizas meu orgulho?

Daí-me amor, quem me dá calor?

Quem me ama, todavia?

Dê mãos quentes,

Dê um remédio para o coração,

Daí-me, a mim, a mais solitária,

Céu, ai! Céu de sete capas,

Ao inimigo incluso,

Ao inimigo ensinar a amar,

Dá, sem dar-te

Cruelíssimo inimigo.

A ti mesmo – a mim!

Fora!

*Então, ele desapareceu,
Meu único gozo,
Meu grande inimigo, meu desconhecido,
Meu deus-verdugo...*

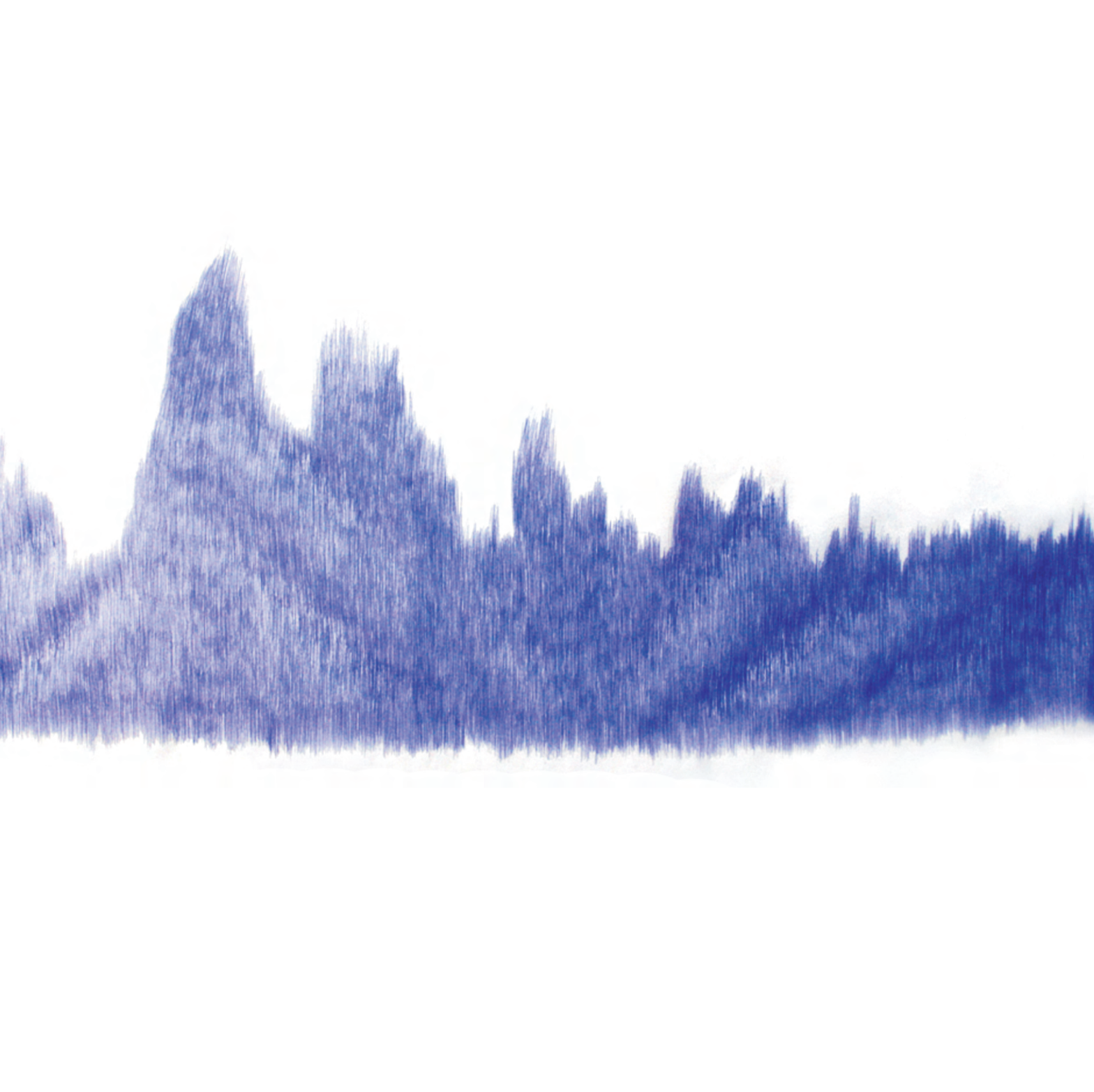
*Não!
Volte!
Com todos meus martírios!
Sob o caminho até ti
E para ti arde
A última chama de meu coração.*

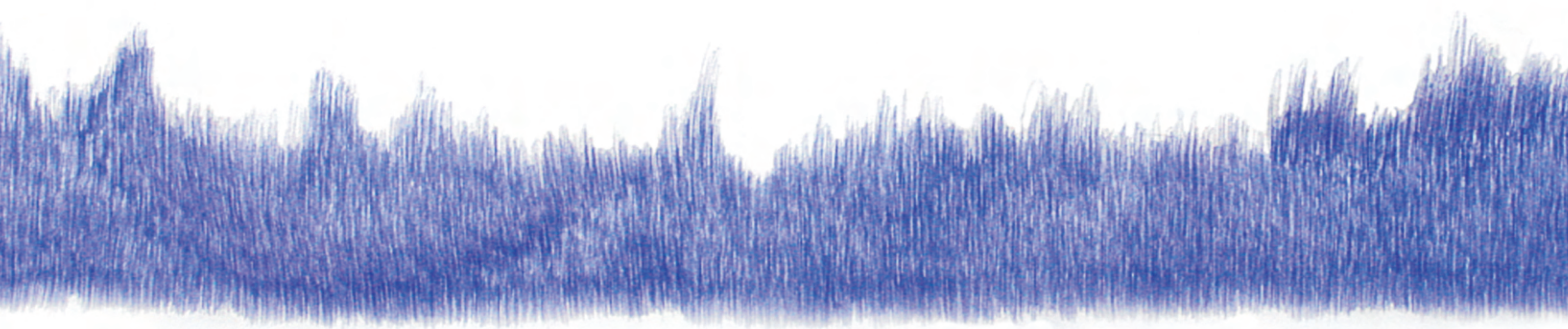
*Oh, volte,
Meu deus desconhecido, minha dor!
Minha última felicidade!*

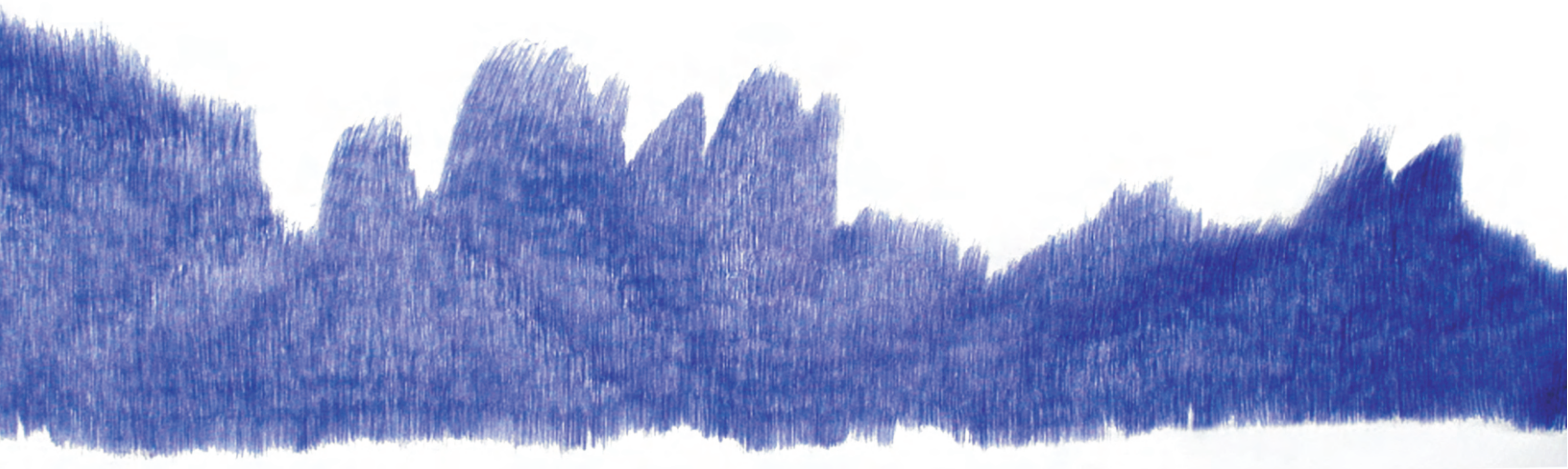
Um raio. Dionísio aparece com esmeraldina beleza.

*Seja esperta, Ariana!
Tens orelhas pequenas, tens minhas orelhas:
Guarda nelas uma palavra sagaz!
Não há que se odiar primeiro para logo se poder amar?*









E nesse encontro a 250 km ao Sul,
estranhas sensações se passam,
Leonilson
naquela banca de revistas, em idos dos anos 80.
Suspenso entre tantas outras,
à espera, se assim pode-se dizer.
Porque tão distante se morava
250 km ao sul.
Uma imensidão povoada de um silêncio estrondoso
Era tudo que podia dizer
Ah! Mas tinha a lagoa
Ali,
Ali mesmo, bem perto...
Na curva que dava passagem pra essa hora
Foi bem ali!
Tão intrigante,
Tinha orelhas pequenas
Olhos gigantes
Pareciam por ora cansados
E eram...

Carregava consigo algumas belas histórias outras nem tanto
Mas não deixava de carregar nenhuma delas
Trazia todas juntas enroladas em pedaços de lonas,
outras em antigos lençóis
tinha também aquelas camisas brancas de mangas longas penduradas em cabides.
Portava também um pequeno objeto retangular,
coberto por tecido listrado de branco e azul.
No porto, na beira do cais ou ainda no deserto daquela vegetação úmida.
Horizontal em seu infinito
O Sul...
Foi bem ali,
Naquela banca de revistas.
Um encontro
E o que dizer desse encontro,
Pequenos instantes
Que não mais cabia
Na imensidão desértica
Do infinito daquelas linhas...
Azul ao sul.

*fui monja, vestida de negro em labirinto azul

Hilda Hilst



Leonilson. Todos os Rios Levam à Sua Boca, s.d







Leonilson. São Tantas as Verdades, 1988

Pequenos Intensos Rios

A vida é movimento. Deslocamento incessante de circunstâncias, conflitos e desafios. Pensar arte é um desafio, viver esses estados de arte é um conflito, produzir circunstâncias é o mínimo que pode o corpo quando está dentro do olho do furacão nos labirintos do pensamento da escrita.

Um corte necessário para permanecer-se inteiro. Pois, até mesmo, jogar-se no abismo requer prudência, caso contrário seríamos como as vacas loucas e cegas que não percebem as grandes fendas da terra e despencam dos penhascos.

As experiências que se experimenta nesse processo estão ligadas o tempo todo na vida. É praticamente impossível em *, pensar e viver dissociado da arte.

As palavras escondem o emaranhado de mundos submerso entre o olhar e a cidade que abandona ou que por ela é abandonado, não importa quem, e sim o abandono. Nesses compêndios ainda escuta sussurros de gente perdida. Teseus em um dia de tempestade. Encontrar-se com Dionísio é encontrar-se o tempo todo nos desejos e, desse encontro com Ariana, deixar nascer a única criança feita pelas orelhas.

O pensamento enquanto dispositivo poético faz de *, de todos, Dionísio – touros, andróginos, não pelo desejo sexual a membros contrários. Mas porque tudo para os artistas deste tempo é sexual, é corpo.

É corpo é pele, pensamento e palavra, superfície afectada pelo trágico. Pelas dissidências, * faz música em seus pensamentos, e fazer arte, para *, não é uma escolha forçada.

E quando as capas dançam, as roupas pulsam. Há um coração neste labirinto, povoado de seres vivos. São poéticas trepando na sala do bom comportamento.

Leonilson e os artistas de um porvir negam a superabundância da trapaça, ser arte, ser estrangeiro, um objeto visual riem seu trono da falta de objetividade de * diante do mundo, da vida, de suas origens. Mas, decididamente, * só anda nas linhas da arte e os planos que aqui quer traçar são estéticos. A educação, essa, só lhe interessa se for estética também.

Não deseja falar de obras ou de artistas. Deseja ser esse interlúdio, imagem, palavra, víscera, olho, orgânico em suas últimas consequências.

E pela língua produzir feridas, pois é no dilaceramento que o vermelho atinge sua mais intensa tonalidade.

Em * toda palavra é uma tragédia inacabada, em aberta, como o destino.

As pinturas, os bordados, os bólides, as capelas, os parangolés, os artistas. Todos sentados... E a faca de Barrio em nossas cabeças, belas trouxas que

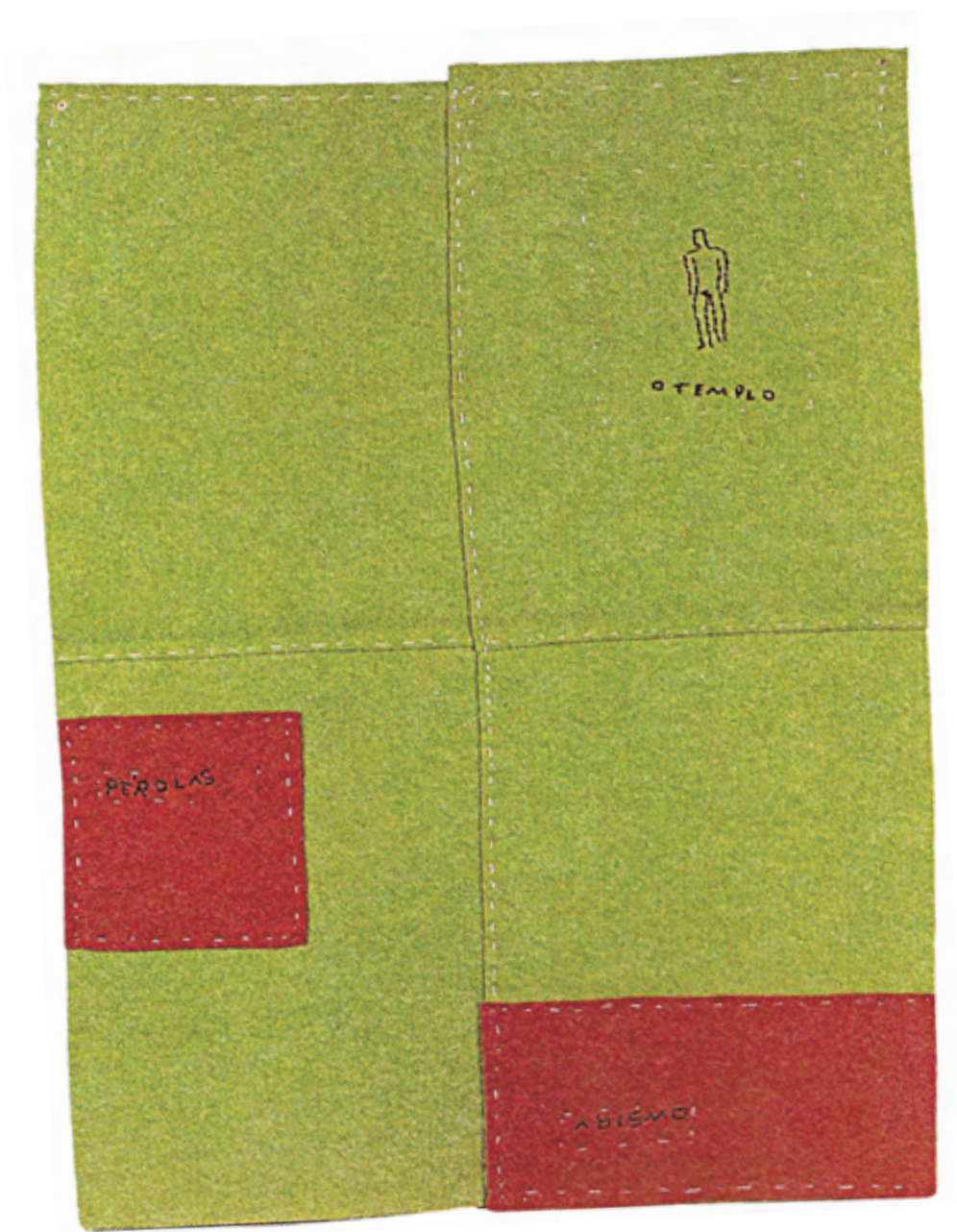
sangram a cidade.

Opensamento é visual, é obra de arte.

Drama moderno sem heróis, epopéias ou dissimulações.

E, se o instante se constrangeu, retorna. E Sátira, goza, pois, a artificialidade de seus paraísos não são contemplações livrescas.

na forma, no conteúdo, na substância e na expressão



Leonilson. O Templo, 1993

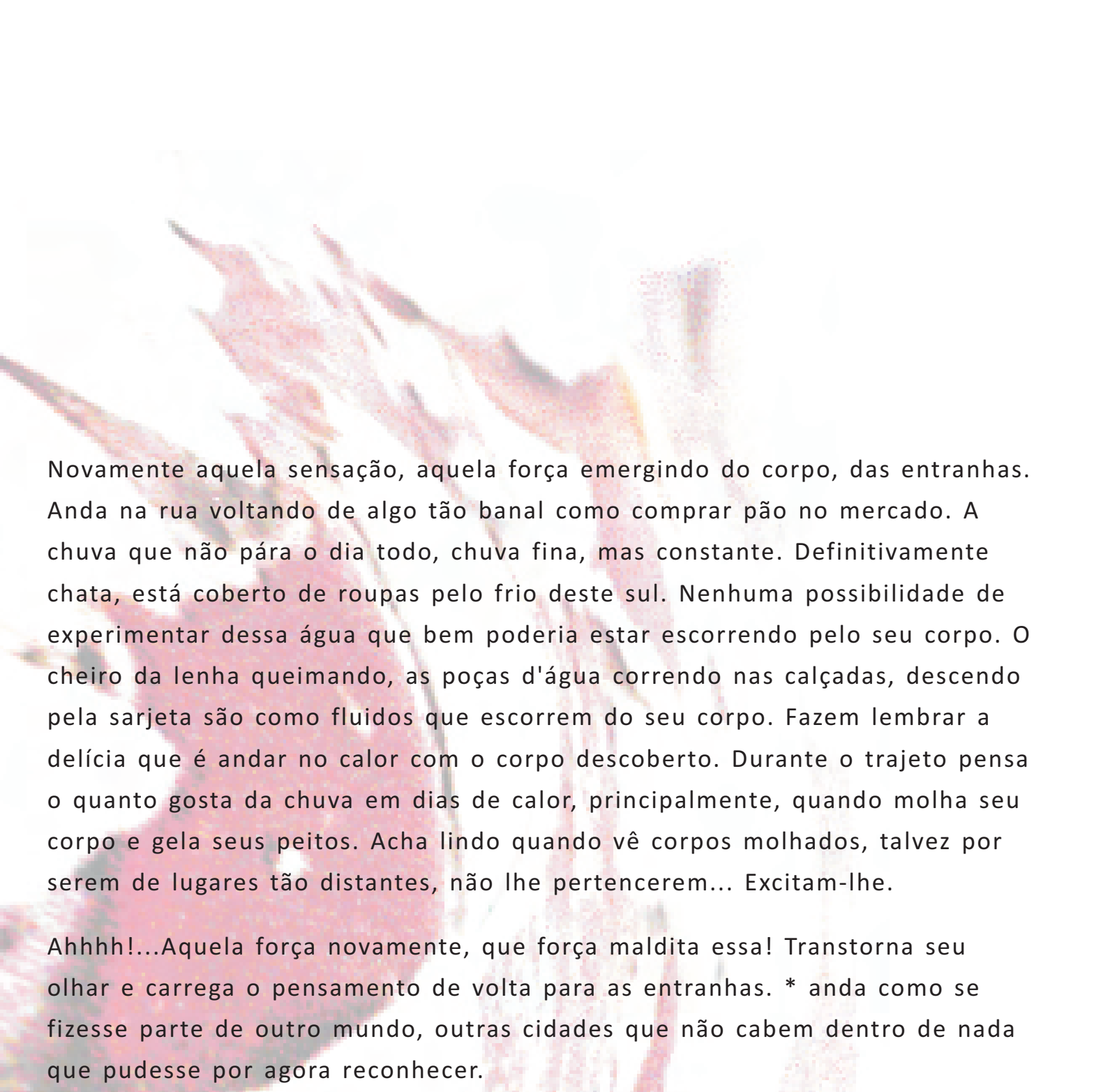


J.L.B.D.



Um devir outro
Um devir muito especial

“Todos os Rios Levam à Sua Boca” Leonilson



Novamente aquela sensação, aquela força emergindo do corpo, das entranhas. Anda na rua voltando de algo tão banal como comprar pão no mercado. A chuva que não pára o dia todo, chuva fina, mas constante. Definitivamente chata, está coberto de roupas pelo frio deste sul. Nenhuma possibilidade de experimentar dessa água que bem poderia estar escorrendo pelo seu corpo. O cheiro da lenha queimando, as poças d'água correndo nas calçadas, descendo pela sarjeta são como fluidos que escorrem do seu corpo. Fazem lembrar a delícia que é andar no calor com o corpo descoberto. Durante o trajeto pensa o quanto gosta da chuva em dias de calor, principalmente, quando molha seu corpo e gela seus peitos. Acha lindo quando vê corpos molhados, talvez por serem de lugares tão distantes, não lhe pertencerem... Excitam-lhe.

Ahhhh!...Aquela força novamente, que força maldita essa! Transtorna seu olhar e carrega o pensamento de volta para as entranhas. * anda como se fizesse parte de outro mundo, outras cidades que não cabem dentro de nada que pudesse por agora reconhecer.

Pensa que talvez pudesse ser apenas excitação, e que uma boa trepada resolveria. Apaziguá-lo-ia pelo menos por enquanto, mas não, insistentemente retorna e o joga em movimentos infinitos que fazem seus pensamentos deslizarem, escorrerem. E já não mais domina nada, seu corpo, sua mente, tudo ao seu redor vai se transfigurando, coisas perdem o sentido e só aquela sensação maldita, corroendo sua carne, seus ossos. Tudo transborda, vira superfície. E numa vontade louca, como que possuído por estranhas sensações pensa que só escrevendo talvez conseguisse parar, não pensar em mais nada. Mas em convulsões, tudo explode ao seu redor, não quer mais retornar para o mesmo, não pode, mesmo que isso fosse possível.

Cada vez mais isso vai crescendo e as ruas se transformam em grandes rios. * já não é mais um único lago, é um oceano inteiro que vai correndo como louco, livre pelas ruas, territórios que não pertencem a mais ninguém, transfigurando tudo ao seu redor.

Assiste a essa enxurrada de água e ri alto, ri muito, como um louco, possuído por desejos, estranhas paixões.

Avista ao longe a costa, e se deixa levar por esse balanço. É quase um pirata, vai possuindo todos, e todos se fundindo nele. Aquelas luzes que transfiguram cidades vão ficando ao longe.

Pensa nas cabras que outrora piratas malditos penduravam lamparinas em seus pescoços para confundir cidades, enganar navios, provocar encalhe. Uma única coisa, só uma... Roubar...

Saquear... Era o que queriam.

Gosta das cabras.
Levam-no para
outros territórios
que não são mais
desertos, possuem o
senso trágico da
realidade simulada
das cidades. Anda
por elas e não
percebe os que
passam, são quase
mortos, envolvidos
por uma névoa
granizada da chuva
que corre e escorre
de seus corpos.
Nenhum sentido,
nada que altere suas
linhas já traçadas.
Não percebe uma
reação, só uma
disparada dura
tentando

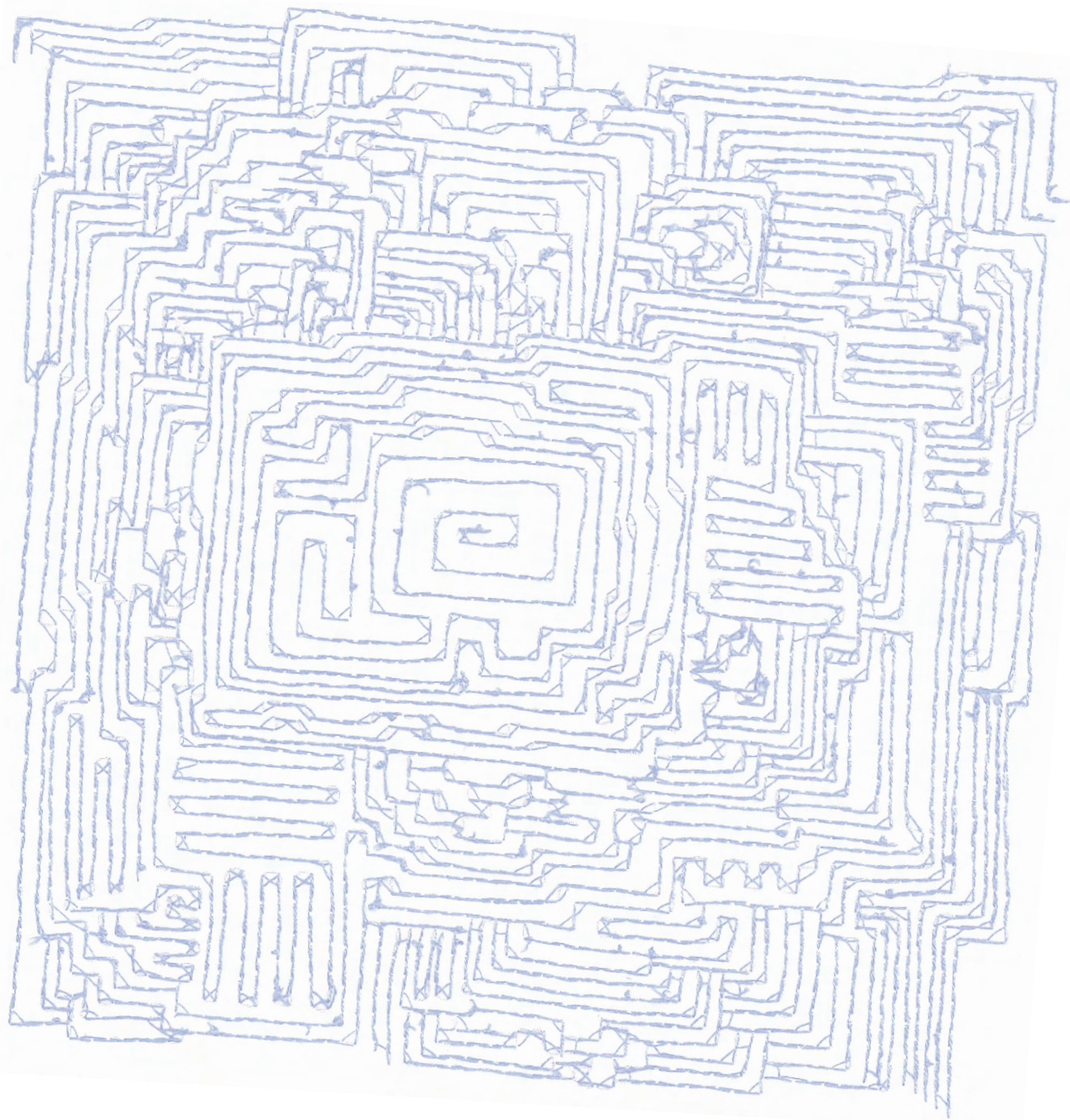
protegerem-se dos
pingos.
Seu corpo
tencionado. Nada
nele reconhecível, é o
corpo de todos numa
dança em matos,
parques, envolvido
por borboletas.
Pertence a outro que
não mais lhes habita,
flui nos rios e todos
levam à sua boca.
Sente-se devorado.
Fronteiras se
expandem e se
diluem nas
secreções.

E no verdejante rio
desse movimento vai
provando dos
líquidos vermelhos
que escorrem e anda

entre os Verbos das
cidades que o
habitam. É um
nômade em seus
pensamentos e só há
velocidade nesse
entre que lhe
atravessa. Pelotas,
Porto Alegre, São
Paulo, Paraná, o
prado e seus galopes
de olhar fundo
turvejante sobre
esse Rio Grande,
Tietê...



Corre à procura de algo que possa se avizinhar aos seus pensamentos. Procura Leonilson, percorre seus trajetos, olha-o por inteiro e lá está você, verdejante, quase maldito a lhe sorrir e a fazer tremer sua mais íntima vontade de lhe possuir e a cada retorno esbarra em sua boca. Dançando por entre espelhos os quais nem seu rosto mais se reconhece.



Põe-se a pensar sobre essa experiência, esse fragmento de tempo que lhe atravessou e levou a lugares tão distantes seus pensamentos. Encontra Leonilson e num sobressalto, Henry Miller acaba por capturá-lo. Mas o que precisamente procura nesse duplo encontro? Dar voz a essa torrente que transforma todas as coisas mortas. A potencialidade da vida. É isso que procura na arte. Algo que no abandono do verbo viaje para territórios distantes do centro e com isso possa construir uma Babel.

E nesse turbilhão pensa nas noites intermináveis à procura do Verbo, daquela força que faz o corpo doer, na dilaceração da própria criação.

Escrever Leonilson

Porque conheci milhares de pessoas e nenhuma delas estava viva da mesma maneira que Grover. Era como um pedaço de radium que mesmo enterrado em uma montanha não perdeu seu poder de emitir energia.

Acontece num piscar de olhos, que é a única maneira pela qual acontecem coisas importantes.

Da noite pro dia os valores de Grover foram jogados fora. De repente da noite para o dia ele deixou de se mover como as outras pessoas se movem. Se antes como as outras pessoas ele achava necessário ir a algum lugar, agora sabia que algum lugar era lugar nenhum e, portanto aqui mesmo.

Grover perguntara para onde se estavam dirigindo e o estranho é que, embora todos eles estivessem se dirigindo para destinos individuais, nenhum deles parava para refletir que o destino inevitável de todos é igualmente o túmulo. (ninguém podia convencê-lo de que a morte não era uma certeza, ao passo que qualquer um podia convencer qualquer outro de que todos os outros destinos eram uma incerteza. (...)) tendo conquistado a certeza única da morte, todas as incertezas desapareceram. O resto do mundo estava agora mancando com incertezas e só ele estava livre e desembaraçado.



Toda tentativa lhes escapava,
Mergulhava nas linhas que se iam.



Precisava ver o mar

O oceano

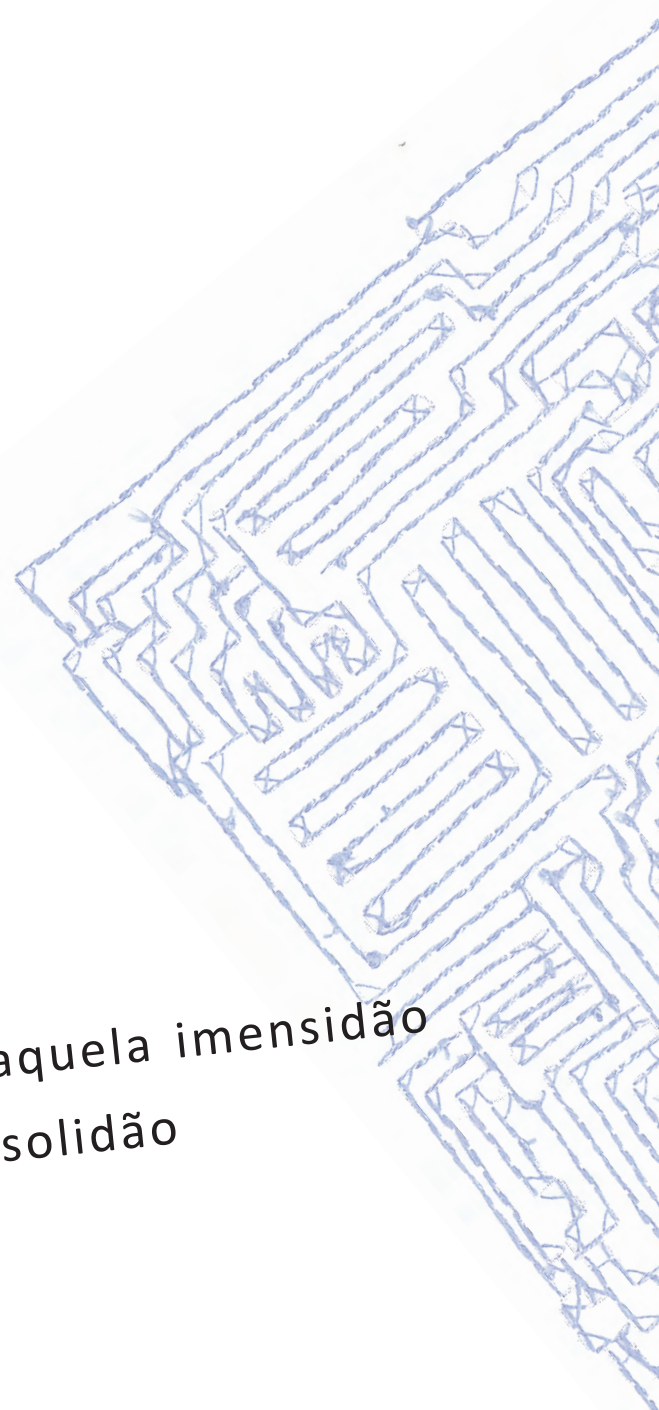
Essa imensidão desértica de fragmentos de linhas

Tinha nas mãos uma determinação quanto a isso

Perder-se-ia entre os fluxos do mar

Em busca de seus fluidos.

(silêncio)



Mas o oceano não era somente aquela imensidão
Não queria ser o espaço da sua solidão
Nem tampouco o da calmaria
O que procurava ali?

Quantas Dulces, Gretas ou Odetes cabem
numa mulher, * percebe o que talvez não dê
mais pra conter, o inevitável.

A transparência? Translucidez da vidraça
desnudada dessa solidão, dos naufrágios...
Tantas mulheres em uma só que não cabem
ou transbordam qualquer possibilidade de
ver ou ser, tentativas nefastas de
reconhecimento...

Nas vitrines solitárias das fachadas de uma
cidade que não quer mais pertencer ou a que
talvez nunca tenha pertencido...

A cidade grita em sua lamúria soterrando
milhares de corpos em seus porões nas
passadas largas de prédios dilacerados.

A carne sangra nas paredes do intestino,
dolorida e traçada e contraída...

Esse silêncio desesperador na janela do
quarto.

Nada, nem um sussurro...

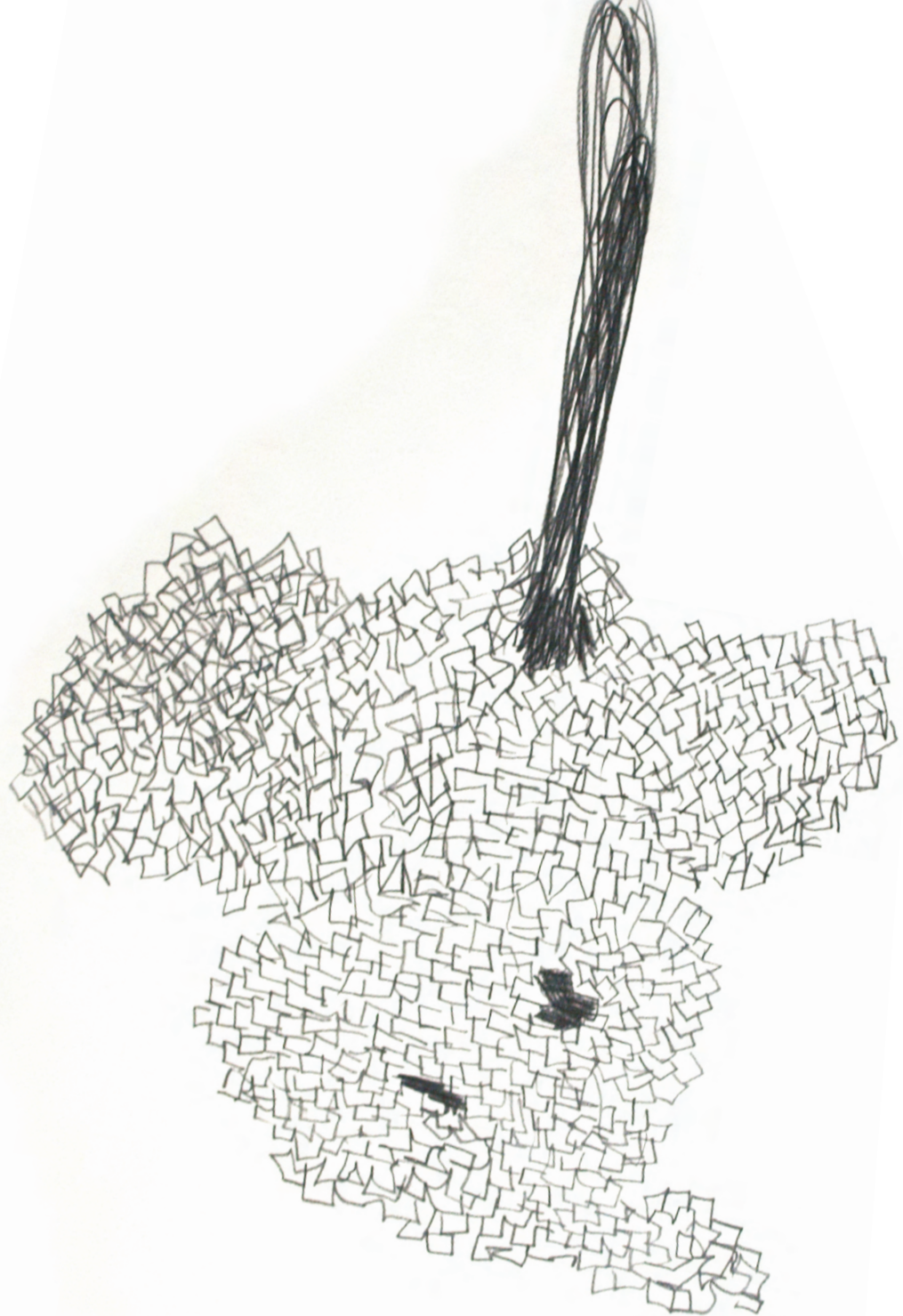
Pensamentos se desprendem.

A cortina, o espelho, não adianta tentar.

Impossível atravessá-los com a mesma
intensidade que a velocidade do vento
atravessa o corpo.

Desnudada, despida,
Escorregando nos verdes da garrafa que flutua nessa correnteza, pequenas intensidades... Percepções, apenas percepções.
A noite urra nos desejos descortinados da palavra,
E o pensamento batendo quase arrebetando o ouvido...
Apenas esse silêncio dilacerador das cidades perdidas... Desabitadas... Abandonadas... Encarceradas...
Que arrebetando seu peito...
Toda tentativa se esgota na própria tentativa de encontrar qualquer movimento que arranque dali um sentimento...
Dispara, vai, corre...
Se joga... Pula nesse abismo...
Encontrar Dulce agora é uma forma de respirar,
Uma busca de possível...
Apenas ela, Dulce...
Gravada em nossos corpos. Ela pulsa, lateja quase que arrebetando...
A fuga de tudo e todos em alguns momentos





O caos... Nenhuma ordem... Tudo.
Apenas aquela ordem estabelecida
por nós...
Ordem? ... Não, não, não!... O caos, o
caos, o caos...
Uma segunda vida,
Aquela sonhada. Desejada. É! Sim...
Aquela mesma...
Imensa, imensa
Intensa...
Como o oceano.

*

Mãe * artista * amante * santa * puta * professora * aluna * filha * louca * deprimida *
bêbada * obscena * lasciva * ordinária * debochada * cadela * travesti * bixa * mulher *
abandonada * transtornada * arteira * bruxa * dançarina * bisca * fada * enferma * besta *
nula * inexata * úmida * intensa * desvairada * companheira * Alceste * indecorosa * amiga
* fogosa * escatológica * fútil * dilacerada * sátira * cínica * voraz * nômade * trágica *
trêmula * ciumenta * traidora * macia * ladra * apaixonada * Ariana * exagerada * vaca *
pirata * vaidosa * libidinosa * demasiada * sórdida * vulgar * insuportável * possessiva *
volúvel * fiel * idiota * solitária * inteira * cigana * feiticeira * extemporânea * imaculada *
usurpadora * emotiva * colérica * inquieta * frágil * leviana * imanente * assimétrica *
incorrigível * Clarice * Bispo * dissonante * selvagem * Hélio * Mona * Caio * aguda *
adorável * Greta * dilatada * desgraçada * espaçosa * afogada * Fritz * June * atormentada *
libertina * perversa * indecente * Dulce * alcoviteira * Henry * vadia * submissa * áspera *
Odete * obstinada * meiga * Bete * blue * impostora * ávida * Anna * desmemoriada * carnal
* Louise * inocente * desmembrada * vazia * melancólica * profana * paranóica * estranha *
lânguida * diabólica * Mara * pesquisadora * desiludida * fértil * temerosa * amarga *
sensual * profunda * superficial * alegre * verborrágica * desesperada * estrangeira *
risonha * aficcionada * imanente * boa * encantadora * ousada * agressiva * vidente *
só * passional * exuberante * maléfica * escandalosa * gritona * Teresa * Justine * amorosa *
tímida * múltipla * comum *

Todotempotodobordanalinguacorpocarnentranhadofundodocérebrodeverdejantedeusverdugodoe
mbriagadanoriolagoceanofluxovermelhodafissuradomuroadentrandoalisuradoburacofluidodocano

- ABREU, Caio Fernando. Onde andaré Dulce Veiga. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. In: RONNA, Giorgio. Catálogo da exposição Entre Pindorama. Stuttgart: Editora: verlag für moderne Kunst, 2005.
- ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ARTAUD, Antonin. Teatro e seu duplo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ARTAUD, Antonin. Linguagem e vida. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ARTAUD, Antonin. Van Gogh: o suicida da sociedade. São Paulo: José Olympio, 2007.
- BOURGEOIS, Louise. Destruição do pai, reconstrução do pai. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- BASBAUM, Ricardo (org.). Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Editora Rios Ansiosos, 2001.
- BRETT, Guy. Ativamente o vazio. In: BASBAUM, Ricardo (org.). Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Editora Rios Ansiosos, 2001.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CARROLL, Lewis. Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: org Zahar, 2002
- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. Trad. Tomaz Tadeu. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Pedagogia dos monstros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CORAZZA, Sandra. Para pensar, pesquisar e artistar a educação: Sem ensaio não há inspiração. Educação, São Paulo, Vol. 6, 2007. p. 68-73,.
- DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. Conversações. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. Espinosa: filosofia prática. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____. O mistério de Ariana. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1996.
- _____. Pensamento nômade. Trad. Milton Nascimento. In: _____. MARTON, Scarlett. Nietzsche hoje? São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Proust e os signos. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. O abecedário de Gilles Deleuze. Disponível em: <<http://www.oestrangeiro>

_____. O abecedário. Trad. Tomaz Tadeu. Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos.

DELEUZE, G. Mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: DELEUZE, G. Crítica e clínica. Trad. Peter Pal Pélbart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 114-121.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. Diálogos. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

GOMES, Paola. Arte e geo-educação: perspectivas virtuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação: Porto Alegre, 2004. (Tese de Doutorado)

JACQUES, Paola Berenstein (org.). Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LINS, Daniel. Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

LAGNADO, Lisette. Leonilson: são tantas as verdades. São Paulo: DBA Artes Gráficas, Melhoramentos, 1998.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MESQUITA, Ivo. Leonilson: use, é lindo, eu garanto. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.

MILLER, Henry. Trópico de Capricórnio. São Paulo: Ibrasa, 1994.

MILLER, Henry. Trópico de Câncer. São Paulo: José Olympio, 2006.

NIETZSCHE, F. Ditirambos dionisíacos. In: _____. Poemas. Trad. Castelhana. Txaro Santoro e Virginia Carrera. Transcrição Paola Zordan. Madrid: Hiperión, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratrusta. Trad. Mário Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. Ecce homo: como alguém se torna o que é. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Cíntia. O conceito de desejo na filosofia de Gilles Deleuze. , São Paulo: Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2000. (Dissertação de Mestrado).

SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença: E se o outro não estivesse aqui? Porto Alegre: DP&A, 2003.

SPINOZA. Ética. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ZORDAN, Paola. Teseus, Ariana, Dioniso, Zaratustra, Nietzsche, Deleuze. Porto Alegre: Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, s/d. (mimeo.)





